

LITERATURA

EU-POESIA

LUCIANA AMORMINO

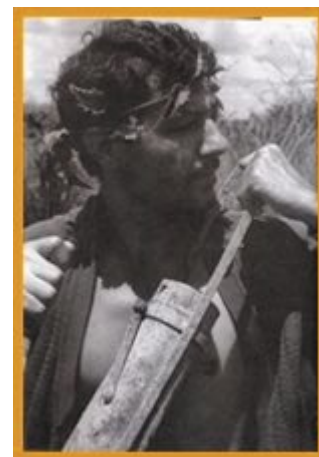
Texto que nasce da entranha, do ventre de quem o materializa e que se desemboca em letras. Fruto da poesia inerente ao ser poeta, dos vestígios de uma sociedade, de uma genética, de uma origem. Oroboros. Eterno retorno à origem, busca do ser contido dentro de si mesmo. O gutural escondido em cada letra, em cada palavra, em cada pensamento fluido que circunda a poesia de Wilmar Silva.

Da região de Alto Paranaíba, onde nasceu e passou boa parte da infância, o poeta resgata fragmentos que vão constituir seu texto. Este, antes de ser transposto para o papel, já vem sendo escrito em seu inconsciente, reverberando em sua cabeça, em seu ser. "O texto se processa muito antes de eu ter o domínio pleno sobre sua escrita. Rigorosamente, toda a minha escrita passa por esse caminho. Antes de eu materializar essa escrita, ela já está criada internamente. É questão mesmo de esculpir as letras e trazê-las à tona", conta o poeta.

Em uma escola de roça, à beira de um córrego, no município de Rio Paranaíba (MG), Wilmar aprendeu as primeiras letras. Prosseguiu os estudos em Ibiá e Araxá, também Minas Gerais. Posteriormente, mudou-se para Belo Horizonte, onde cursou Psicologia e Artes Cênicas, dando início à sua jornada de escrituras, com a publicação de "Lágrimas e Orgasmos", em 1986. Depois disso, muitos outros livros se seguiram: "Águas Selvagens", 1990; "Dissonâncias", 1993; "Moinho de Flechas", 1994 - Prêmio "Jorge de Lima", de Poesia - União Brasileira de Escritores/RJ; "Cilada", 1997 - adaptado para teatro; "Solo de Colibri", 1997 - Prêmio "Blocos de Poesia" - RJ; "Seiva", 1997; "Pardal de Rapina", 1999; "Anu", 2001; "Arranjos de Pássaros e Flores", 2002 - Finalista do prêmio "Cidade de Belo Horizonte" e do prêmio da "Academia Mineira de Letras" como um dos melhores livros publicados naquele ano; "Cachaprego", 2004; Antologias: "A poesia mineira no século XX", organização de Assis Brasil; "Antologia da nova poesia brasileira", de Olga Savary; e "Fenda - 16 poetas vivos", de Anelito de Oliveira. Também atuou como ator performer em "Desmarcado" e "Afrorimbaudelia", adaptações das obras de Cruz e Souza e de Arthur Rimbaud, respectivamente; "Cilada"; "Solo a Solo" e "Poemas de Corte".

Anu

"Anu talvez tenha sido o livro conceitualmente mais radical, embora não me agrade essa idéia de falar em radicalismo na minha obra. Acho que uma não é radical em relação à outra. O que houve foi um desenho que foi se expandindo a cada um deles. Portanto não vejo hierarquia de um livro para o outro. Acho que houve um desdobramento; a minha poética é um corpo desdobrado. Quando criei 'Anu', fiquei com um nó muito forte; ele me povoou. Nele, há uma linguagem de escrita de muita errância, do ponto de vista gramático; é uma transgressão, uma violentação da norma culta. O meu mergulho foi tão profundo que fiquei vários meses tentando retomar a



O experimentalismo de Wilmar Silva, poeta que leva o leitor a percorrer caminhos imbuídos do ser xamânico, da oralidade e do erotismo da terra

LITERATURA

EU-POESIA

LUCIANA AMORMINO

fala cotidiana. Depois de 'Anu', a pausa para voltar à escrita foi muito prolongada. Naqueles meses que se seguiram, eu não imaginei que pudesse retomar um verso mais livre. Como sair daquele nó? Como desatar? Esperei e me permiti vivenciar aqueles dramas."

Depois desse livro, Wilmar levou um tempo para que outros fluxos viessem a acontecer. Dessa ruminção trágica e tensa veio "Cachaprego", que está intimamente ligado a "Anu".

Cachaprego

Distante? Inalcançável? Então, onde fica Cachaprego? No universo do poeta mineiro Wilmar Silva, Cachaprego é muito mais que um lugar. Segundo o poeta, é o livro cujas poesias não são feitas para ler, mas para ser. Cachaprego é um ponto equidistante, o inatingível, uma metáfora da aldeia, da letra faltosa, do como chegar à origem. É um símbolo poético da origem do ser.

O experimentalismo vem em forma de um texto sem início e sem fim, veloz ao pensamento, que pede atenção aos sentidos, que transgride. Repleto de neologismos, os poemas criam jogos de palavras que expressam o que de mais intenso representa o poeta - suas vivências e impressões desde o útero materno até os dias de hoje. Registro de sentimentos, "Cachaprego" foi fecundado de uma só vez, sem interrupções, cortes ou censuras.

Com uma maneira de escrever única, Wilmar Silva se aproxima, com todo seu eruditismo, de uma linguagem singela, infantil, oral e desprendida. Nele, o poeta utiliza a língua como linguagem que volta aos antepassados, à oralidade-mãe da escrita. Retoma, nesse sentido, as ascendências de linguagem brasileiras, indígenas, muitas vezes perdida e esquecida por seus filhos. É o sopro xamã que volta a essa oralidade, trabalhada em cada palavra da poesia de Cachaprego.

Sem medo de ser, o poeta mostra, em "Cachaprego", que é possível se fazer poesia em meio ao caos de informações e superficialidades do século XXI. "Cachaprego" é um trabalho que tem também um vigor político. Ao realizar uma obra como essa, estou defendendo uma política do poético, que deseja registrar a minha percepção não apenas como artista e poeta, mas também como ser inserido num momento contemporâneo em que vivo, na sociedade em que vivemos. Sobre esse aspecto, é possível pensar que é uma poesia que abre uma fenda no que se tem produzido no âmbito da poesia contemporânea brasileira", conta Wilmar.



LITERATURA

EU-POESIA

LUCIANA AMORMINO

"Cachaprego" está intimamente ligado a "Anu" - obra do poeta que caracteriza com mais singularidade seu caráter inventivo, chegando ao limite do experimentalismo da língua e da violência contra a norma culta. O que difere as duas obras é que, em "Cachaprego", o poeta, depois de experimentar o ápice da desconstrução de "Anu", passa a registrar graficamente a forma oral, no intuito de aproximá-la da escrita.

A obra traz fotografias de Sandro Vieira, que foram produzidas depois de os textos prontos e são a tradução em imagem dos sentimentos impressos pelo autor em sua poesia. O cenário é o Rio Paranaíba, que representa o retorno do poeta às suas origens. Ao percorrer os lugares por onde passou e viveu no começo de sua vida, Wilmar Silva inspira Vieira a produzir "imagens verbais" ou "palavras visuais", como gosta de dizer. O poeta não interferiu nessa criação, o que permitiu ao fotógrafo um olhar mais puro e sem influências de tudo o que o transborda da obra "Cachaprego".

Atualmente, Wilmar Silva vem experimentando outros suportes para a poesia de "Cachaprego", como projeção de vídeos e performances, simultaneamente e a adaptação para o cênico-poético, levando o livro para escolas.

Livros

"É possível pensar nesses membros - meus livros - como formando um corpo. Gosto dessa idéia dos livros como um organismo vivo. Há uma unicidade no trabalho, uma vontade de pensar no trabalho, numa criação como unidade que está em mim. Esses aspectos existem. Quanto mais palavras se encontram, mais palavras se realizam na escrita. A escrita não aconteceu no momento em que foi materializada a grafia das palavras. Até porque escrever não quer dizer, secamente, registrar as letras no papel ou em qualquer outro objeto onde você possa esteticamente visualizar a letra. Não, a escritura é uma outra coisa. É a materialização dessas letras. No meu caso, para materializar a escritura em letras, é preciso fender meu organismo, meu ventre, para que esse texto viesse, para que ele realmente criasse seu corpo e para que esse corpo fosse tangível ao olhar."

O fazer poético

A presença de signos semânticos sempre esteve presente nas poesias de Wilmar Silva, desde "Cilada". No entanto, seus livros não são puramente conceituais. Suas poesias são carregadas de todos os sentidos do poeta e exigem que o leitor experimente também dessas sensações. Em suas obras, Wilmar conduz o leitor a se desvencilhar pelo caminho dos sentidos, por meio de uma poesia que nasce da terra, calendas da natureza, geradas em seu interior, tendo o corpo presente em cada linha como uma instância xamânica do ser que fertiliza e fecunda cada palavra. O fertilizar poético, que passa pelo erótico, pelo erógeno e germina, de forma semelhante às

LITERATURA

EU-POESIA

LUCIANA AMORMINO

várias formas que a natureza encontra para lançar suas sementes e perpetuar suas espécies. Tal experimentalismo do poeta faz de sua poesia algo visceral, sexualizada.

Ao escrever, Wilmar pensa em si como o primeiro leitor de sua escrita. É preciso que primeiro ele esteja visceralmente apaixonado pelo texto. Quando a idéia vai surgindo, o poeta abre todos os seus sentidos e seus rios interiores, que desembocam na realização da escrita. O texto tem que agradar a ele, pois, assim, é possível que agrade ao outro, àquele outro que habita no poeta.

O estilo é um segundo plano, para Wilmar. A voz em primeira pessoa, recorrente em suas escritas, não é um fluxo de dicções, mas um fluxo do "eu" poeta, de sua pessoa, crivada por memórias e vivências. Em "Arranjos de pássaros e flores", o poeta se faz presente de forma estilizada, estando factualmente presente. Suas experiências, estendidas devido à sua permanência no mundo, continuam fazendo parte de sua escritura e, ele, dela. "É possível pensar que minha poética também tem esses trevos e encontros da palavra com a vivência. Não se trata de uma vivência única. Na medida em que passamos a habitar outros espaços, e na medida temporal em que vamos passando pelo mundo, absorvemos outras experiências e os livros vão se estendendo com elas. Sinto que é uma voz que reverbera, é uma vontade de construir um trabalho autoral", conta Wilmar.

Para Wilmar, a poesia está mais para a música, para o som ou para as artes plásticas que para a literatura. "Acho que a poesia tem caráter tão genuíno, sua índole é tão total que não vejo necessidade de se estudar poesia como um gênero literário. Decididamente, poesia para mim não é literatura. Deveria ser estudada como uma arte total, isolada, como artes plásticas, arquitetura, literatura e música. A poesia revela o ser. É preciso difundir a poesia, promover o encontro do outro através da poesia, porque ela traz o ser na sua totalidade, na sua essência."

Todas as fotos são ilustrativas, extraídas do livro "Cachaprego".
Autoria: Sandro Vieira.

